

A EMERGÊNCIA DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL NO BRASIL E SUA RELAÇÃO COM O JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA (1978-1981)

THE EMERGENCE OF THE HOMOSEXUAL MOVEMENT IN BRAZIL AND ITS RELATIONSHIP WITH THE NEWSPAPER "LAMPIÃO DA ESQUINA" (1978-1981)

Andrey Tironi da Silva¹

Resumo: A Este artigo busca evidenciar a importância dos movimentos sociais à frente da visibilidade da comunidade LGBTQ+ nas décadas de 70 e 80, período em que o Brasil estava sob regime militar. Por meio das leituras e análises realizadas nos artigos contidos no jornal Lampião da Esquina, busca-se compreender a relevância da participação midiática deste periódico enquanto construção e fortalecimento da comunidade e do movimento homossexual, bem como, sua participação no movimento de resistência e consciência de classes, pensando sua participação também no movimento dos trabalhadores.

Palavras-chave: movimento LGBTQ+; política; resistência; mídia alternativa; Jornal Lampião da Esquina.

Abstract: This article aims to highlight the importance of social movements in promoting the visibility of the LGBTQ+ community in the 1970s and 1980s, a period when Brazil was under military rule. Through the readings and analyses of articles published in the newspaper "Lampião da Esquina," the goal is to understand the relevance of the newspaper's media participation in the construction and empowerment of the homosexual community and movement. Additionally, it explores its role in the resistance and class consciousness movement, considering its involvement in the labor movement as well.

Keywords: LGBTQ+ movement; politics; resistance; alternative media; Lampião da Esquina Newspaper.

¹ Mestrando em história pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).
<http://lattes.cnpq.br/3199377869336736> <https://orcid.org/0009-0001-3300-2067> Bolsista CAPES
andreytironi@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo busca compreender a importância dos movimentos sociais nas décadas de 70 e 80 partindo do estudo da elaboração midiática e sua importância para o movimento LGBTQ+ tendo em vista o contexto da época. Para tanto, utiliza-se como fonte principal o jornal *Lampião da Esquina*², que circulou entre os anos de 1978 e 1981, durante o período da ditadura militar (1964-1985) no Brasil. O periódico tinha um enfoque voltado para a cultura LGBTQ+ e foi pioneiro nesse sentido, sendo considerado um marco na luta pelos direitos LGBTQ+ no país.

Pouco antes da metade da década de 1970 já são apresentadas características que fariam parte dos movimentos sociais que emergiriam com mais força nos anos seguintes. Tal como o Movimento dos Homossexuais, os demais movimentos sociais também tinham o caráter contestador da ordem vigente. A contestação à ordem vigente faz referência ao caráter repressor e também de censura do regime civil-militar, que até a metade da década de 1970 passou pela sua fase de maior acirramento da censura, repressão e perseguição aos contrários ao regime.

Esse artigo busca compreender em quais aspectos o jornal *Lampião da Esquina* teve relevância ao abordar temas considerados tabus e oferecer ao público homossexual a oportunidade de se engajar em discussões e encontros que visavam promover a união da comunidade. Embora a unificação total dos homossexuais brasileiros não tenha sido alcançada naquele momento, é inegável a importância desse processo, pois permitiu que as questões homossexuais se tornassem visíveis e evidenciou a presença dos homossexuais na sociedade brasileira. As dificuldades em alcançar a unificação se devem às características específicas e às divergências entre os diferentes grupos que surgiam nessa época.

Contudo, nesse artigo se apresenta uma investigação dos desafios enfrentados pelo jornal em um período de censura e repressão, assim como sua influência na promoção da visibilidade e dos direitos LGBTQ+, como por exemplo o surgimento do grupo *Somos*, organização voltada para a defesa dos direitos LGBTQ+.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para elaboração e embasamento deste artigo utilizou-se a pesquisa bibliográfica com objetivo de investigar o jornal pioneiro com enfoque voltado para a cultura LGBTQ+ no Brasil, que desafiou os

² Mais considerações sobre o processo de elaboração e edição do jornal *Lampião da Esquina* podem ser consultados no artigo *Organização e Resistência do Movimento Homossexual Durante a Ditadura Militar (1978-1981)* de Silva (2018).

paradigmas sociais e políticos da época da ditadura militar, trazendo reflexões sobre identidade, orientação sexual e os desafios enfrentados pela comunidade LGBTQ+.

A pesquisa será conduzida por meio do uso de uma variedade de referências bibliográficas relevantes como artigos acadêmicos, livros, teses e dissertações, a fim de compreender o contexto histórico, a importância e o impacto do *Lampião da Esquina*. Os autores analisados dentre os gêneros acima citados foram Butler (2003), Coelho (2014), Foucault (1988), Green (2015), Mendonça e Fontes (1996), Sader (1988) e Simões (2009). Serão explorados aspectos como o conteúdo abordado, sua irreverência e contestação social, bem como seu papel na construção de uma consciência política e na formação de uma identidade coletiva para a comunidade LGBTQ+ no Brasil.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

A criação do *Lampião da Esquina*, no ano de 1978, possibilitou aos homossexuais de várias partes do Brasil a entrarem em contato com diversos assuntos que diziam respeito a temas considerados extremamente tabus para a época, como sexualidade, feminismo e principalmente as próprias discussões que dizem respeito as diferentes formas de encarar e viver a homossexualidade, seja ela masculina ou feminina.

De acordo com Michel Foucault (1988) ainda em seu livro *História da Sexualidade I: A vontade do saber*, percebemos que a sociedade não se restringiu a não falar sobre o sexo ou sexualidade, pelo contrário; procurou falar acerca desse assunto, no entanto, esse falar sobre o sexo o valorizou como um segredo, sendo visualizado assim, como um tabu. “O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo” (FOUCAULT, 1988, p. 36).

James Green (2015) em seu artigo "O grupo Somos, a esquerda e a resistência à ditadura" identifica os principais elementos que levaram ao surgimento dos movimentos sociais no final da década de 1970. Segundo o autor, a entrada dos trabalhadores do ABC Paulista na cena política, juntamente com o movimento estudantil e as organizações de esquerda clandestinas desempenharam um papel crucial. Green afirma que as greves e manifestações ocorridas em 1978 tiveram um impacto determinante na abertura política, na transição para a democracia e na vida política do país nas décadas seguintes. Ele também destaca que um pequeno grupo de três pessoas, incluindo ele próprio como membro da direção da *Facção Homossexual da Convergência Socialista (FHCS)*, acreditava que esses movimentos eram essenciais para derrubar a ditadura militar.

Os homossexuais apareceram em cena na greve dos metalúrgicos em 1980. Decididos a engrossarem as atividades dos trabalhadores do ABC Paulista, as lésbicas e gays,

levaram com eles a São Bernardo do Campo duas faixas enormes de seis metros de extensão cada uma. A primeira faixa declarava com letras grandes “Contra a intervenção nos sindicatos do ABC” e foi assinada pela “Comissão de Homossexuais Pro-1 de maio”, a outra dizia “Contra a discriminação do/a trabalhador/a homossexual” (GREEN, 2015, p. 182).

Durante as décadas de 1970 e 1980 ocorreu no Brasil, mais especificamente na região de São Paulo, a emergência de diversos movimentos sociais populares que se empenharam na luta por melhores condições de vida; pela redemocratização do Brasil; e também pela rearticulação da luta trabalhista através dos movimentos sindicais. A reflexão sobre o surgimento de um novo personagem no cenário histórico brasileiro começa a surgir, personagem este que criou as condições para o exercício da democracia no Brasil. De acordo com Chauí (1988), a emergência desse novo personagem que surge no cenário brasileiro se daria como novidade por três principais características,

Antes de mais nada, porque criado pelos próprios movimentos sociais populares do período: sua prática os põe como sujeitos sem que teorias prévias os houvessem constituído ou designado. Em segundo lugar, porque se trata de um sujeito coletivo e descentralizado, portanto, despojado das duas marcas que caracterizaram o advento da concepção burguesa da subjetividade: a individualidade solipsista ou monádica como centro de onde partem ações livres e responsáveis e o sujeito como consciência individual soberana de onde irradiam ideias e representações, postas como objetos domináveis pelo intelecto (CHAUÍ *apud* SADER, 1988, p. 10).

Ainda de acordo com Chauí, percebemos que esse novo sujeito social que emerge no contexto da década de 70 e 80 é fruto de seu próprio tempo, partindo sem teorias prévias que designassem a ocorrência desses movimentos. Esse novo sujeito social do qual ela nos diz que

são os movimentos sociais populares em cujo interior indivíduos, até então dispersos e privatizados, passam a definir-se, a reconhecer-se mutuamente, a decidir e agir em conjunto e a redefinir-se a cada efeito resultante das decisões realizadas (CHAUÍ *apud* SADER, 1988, p. 10).

Há por parte desses novos sujeitos um reconhecimento entre si, e que além disso, seria um sujeito “sem instituição”, pois,

não se apresenta como portador da universalidade definida a partir de uma organização determinada que operaria como centro, vetor e telos das ações sócio políticas e para a qual não haveria propriamente sujeitos, mas objetos ou engrenagens da máquina organizadora (CHAUÍ *apud* SADER, 1988, p.10).

Os sujeitos que emergiram no cenário do final da década de 1970 e, posteriormente, ao longo da década de 1980 possuíam entre si diversas divergências entre os grupos sociais ao qual pertenciam. Por exemplo, os grupos de afirmação homossexual tinham seus objetivos e pretensões que os distinguiam dos grupos operários e movimentos sindicais que surgiram nesse mesmo período. É importante compreendermos que todos se enquadram nessa nova onda de organização e elaboração dos movimentos sociais no Brasil e, acima de tudo, é importante termos conhecimento das

especificidades, que aí se enquadram as pautas que cada movimento tem. Para Sader (1988), esse novo sujeito que emerge nesse momento no cenário histórico dos movimentos sociais do Brasil já não é mais um sujeito privilegiado e único, “mas trata-se, sim, de uma pluralidade de sujeitos, cujas identidades são resultados de suas interações em processos de reconhecimentos recíprocos, e cujas composições são mutáveis e intercambiáveis” (SADER, 1988, p. 55).

Ao observar as mudanças que aconteciam no comportamento das classes populares na vida política do país, em especial a Grande São Paulo, Éder Sader (1988) aponta algumas evidências que já caracterizam a formação dos movimentos sociais.

As votações recolhidas pelo MDB nas eleições a partir de 1974, a extensão e as características de movimentos populares nos bairros de periferia da Grande São Paulo, a formação do chamado “Movimento do Custo de Vida”, o crescimento de correntes sindicais contestadoras da estrutura ministerial tutelar, o aparecimento das comunidades de base, as greves a partir de 1978, a formação do Partido dos Trabalhadores seriam manifestações de um comportamento coletivo de contestação da ordem social vigente (SADER, 1988, p. 30).

É importante pensar no que define um determinado grupo como de fato um grupo, determinando o que é essencial para o grupo, tratando-se assim da “identidade derivada da posição que assume”. Essa identidade, de acordo com Sader (1988), “se encontra corporificada em instituições determinadas, onde se elabora uma história comum que lhe dá substância, e onde se regulam as práticas coletivas que a atualizam” (SADER, 1988, p. 44).

A identidade desses grupos é pautada ainda e essencialmente em suas ações, ou seja,

das experiências vividas e que ficaram plasmadas em certas representações que aí emergiram e se tornaram formas de o grupo se identificar, reconhecer seus objetivos, seus inimigos, o mundo que o envolve. E é na elaboração dessas experiências que se identificam interesses, constituindo-se então coletividades, políticas, sujeitos coletivos, movimentos sociais (SADER, 1988, p. 44- 45).

Ao discutir quem são os novos sujeitos e por que seriam considerados novos sujeitos, Sader nos escreve partindo do próprio uso discursivo que alguns autores tentaram de certa forma teorizar, mas que todos possuem uma mesma característica, que seria o sujeito como “sujeito de sua própria história”.

Em alguns casos ele (o termo sujeito) está referido à capacidade de expressão no plano da política e em outros não. Mas um traço comum é o fato de a noção “sujeito” vir associada a um projeto, a partir de uma realidade cujos contornos não estão plenamente dados e em cujo devir o próprio analista projeta suas perspectivas e faz suas apostas. E outro traço comum, vinculado a este, é a conotação com a ideia de autonomia, como elaboração da própria identidade e de projetos coletivos de mudança social a partir das próprias experiências (SADER, 1988, p. 52- 53).

A atuação e a organização política dos homossexuais brasileiros na década de 1970 estão intrinsecamente ligadas às necessidades e questões da sociedade na qual estão inseridos. Eles se

organizam a partir de suas características específicas dentro da sociedade, destacando-se do contexto heterossexual e normativo. Nesse momento, começa a surgir uma identidade homossexual coletiva, construída por meio de suas ações individuais para formar uma comunidade.

Faz-se importante também sabermos quais são os discursos que compõem os novos sujeitos presentes nos movimentos sociais da década de 1970 e 1980 e como suas identidades são reveladas em suas falas. Sabemos que a linguagem é um dos instrumentos primordiais para a comunicação dos seres humanos e que a mesma faz parte das instituições sociais nas quais estamos inseridos. A linguagem, ou este ato de expressar-se, suscita novos significados em quem o expressa. É por meio dos discursos que os sujeitos podem expressar suas demandas e suas necessidades, além de seus anseios.

É através dos discursos que tais demandas são nomeadas e objetivadas de formas específicas. É através dos discursos que a demanda do reconhecimento da própria dignidade pode ser satisfeita por meio do trabalho árduo ou da preservação do fim de semana para pescar, da liberdade individual ou da integridade da família, do culto religioso ou da liberdade política (SADER, 1988, p. 58-59).

Sader (1988) destaca que as demandas básicas para a dignidade e sobrevivência dos sujeitos já existem, mas estão silenciadas. Os discursos produzidos sobre essas demandas as trazem à tona. Por exemplo, os homossexuais organizados em grupos coletivos buscam atender demandas como sair do armário, conviver harmoniosamente na sociedade, lutar por políticas públicas, inclusão social, direito ao casamento, à adoção e combate à discriminação. Essas políticas são consideradas cruciais para a vida dos homossexuais.

Na primeira edição do jornal *Lampião da Esquina*, a seção "Opinião", escrita por Mariza, da qual não temos nenhuma informação, além a de que ela seria da cidade de Campinas, aborda a importância da união de todas as pessoas, independentemente de gênero, raça ou orientação sexual, na luta por direitos. Ela destaca que as lutas desses diferentes grupos têm semelhanças em termos de identidade e papel na sociedade, e ressalta a necessidade de não deixar as minorias excluídas na luta de classes. A seção tem o seguinte título: "Nossas gaiolas comuns". É interessante percebermos aqui que justamente na primeira edição, a seção editorial seja escrita por uma mulher, já que entre os editores em momento algum há a participação de mulheres que editam o periódico.

O debate destaque que marca essa primeira edição fala sobre a inclusão de todas as lutas em uma única luta, conhecida entre os operários militantes como a "luta maior/principal" excluindo, portanto, as demais lutas. Essas gaiolas comuns de que a autora fala é uma metáfora sobre a luta em que cada sujeito está inserido, alguns nas lutas dos movimentos operários, outros nas lutas dos movimentos negros, as lutas de libertação/afirmação homossexual, as lutas feministas e demais categorias de lutas que existiam.

É tática comum em política apagar as diferenças internas para fazer frente a um inimigo principal. Só que o inimigo está dentro de casa, e dentro de cada um de nós. Se somos todos peixes apanhados nessa rede de definições pré-estabelecidas, nossa única chance de escapar dela é visualizá-la constantemente perguntando a que propósitos ela serve, qual é a malha específica em que nos encontramos (nesta rede maior) e lembrar que ela pode ser desfeita como foi tecida (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1978, 01, p.02).

O discurso dessa seção “Opinião” traz à tona as dificuldades das chamadas “lutas menores” em conseguirem se integrar em uma “luta maior”, que seria a chamada luta principal, encabeçada pelos operários homens, de maioria branca e heterossexuais, que desconsideram as lutas das minorias, permanecendo apenas em prol de uma única luta, considerada como uma luta excludente pelos demais sujeitos sociais. Além disso, o texto evidencia um problema recorrente nesse momento de luta, que são as divergências existentes e que giram em torno do não reconhecimento das diferenças internas presentes no meio social.

Seria um erro pensar que essas análises e essas lutas pudessem ser feitas isoladamente, assim como pensar na definição de categorias sexuais como um fenômeno isolado. Insisto em que cabe à mulher lutar pelos seus direitos, questionar sua posição (e isto vale para qualquer categoria social), mas fazemos isto de olhos abertos para a real complexidade em que estamos envolvidas. A posição idealista e individualista de liberação deve ser superada: ou tentamos, todos juntos, abrir a porta da gaiola, ou permaneceremos lá dentro, cada um com a ilusão de que está numa gaiola particular. Isto não significa esquecer a singularidade da situação da mulher, ou de outras situações, mas implica em ter plena consciência da gaiola-blusa vestida por todos nós, cada um à sua maneira. Uma gaiola-blusa cuja exata finalidade é a de dar a impressão de ter sido feita sob medida, quando basta olhar o mundo lá fora - e não apenas ser olhado e aceitar esse olhar - para perceber que, como tudo neste mundo em que vivemos, ela é produzida em série (LAMPIÃO DA ESQUINA, maio de 1978, 01, p. 02).

Mariza ao escrever nesta primeira seção editorial do nos levanta uma questão muito importante e que até parece um “alerta”: um jornal gay, voltado para o público gay, que busca tirar o homossexual de sua marginalização e procura um lugar de fala para este, por que estaria justamente apontando para a questão de que não se deve ser esquecida a luta de classes? Podemos analisar isso quase como um alerta de que é importante uma ocupação de espaços de fala para os sujeitos homossexuais, que estes possam de fato superar a homofobia cometida pela ditadura civil-militar e pela sociedade, mas que ao final das contas não se deixasse de lado ou não se esquecesse quais outros locais estes sujeitos ocupam dentro da sociedade, que é também como integrantes da classe trabalhadora.

É importante destacarmos que o contexto no qual estavam inseridos estes novos sujeitos, destes novos movimentos sociais, influenciaram nos caminhos traçados por estes grupos. O clima de

perseguição, prisões e censura foram as principais causas que levaram à organização destes coletivos, mas também devem ser considerados outros fatores aqui, tais como os econômicos.

De acordo com as autoras Mendonça e Fontes (1996), é evidente a crise econômica presente já no acontecimento do golpe civil-militar de 1964, tanto que os “militares diziam que por meio do restabelecimento da ordem a economia seria recuperada” (p. 21). Apesar da existência do chamado “milagre econômico” durante os anos de 1969 a 1973, o que se teve nos anos pós-1973 foi um período ainda maior de crise, já que o “milagre” não significou nada mais do que a garantia de lucros mirabolantes às empresas oligopolista, nacionais e estrangeiras” (MENDONÇA, FONTES, 1996, p. 22).

Durante a ditadura militar, grupos emergentes de homossexuais, como as travestis, enfrentavam marginalização e preconceito, levando muitas delas à prostituição por necessidades básicas de sobrevivência. A falta de crescimento econômico e a discriminação dificultavam a obtenção de empregos formais, mantendo o estigma de contratar pessoas trans ou travestis. Essa realidade reflete os preconceitos arraigados na sociedade patriarcal, machista, transfóbica e homofóbica. É importante reconhecer que algumas pessoas escolhem a prostituição por vontade própria, sem serem impulsionadas por urgências de sobrevivência.

Essa busca pela produção de uma identidade homossexual chegou a impulsionar discussões de algumas matérias do jornal *Lampião da Esquina* que em pequenos grupos de homossexuais se reuniam mensalmente para realizar a leitura e possivelmente a discussão das mesmas. Tal fato fica evidente na edição número três do *Lampião da Esquina*, quando na seção “Cartas na Mesa” é publicada a carta intitulada “*Lampião é desnudado*” que é de um grupo de homossexuais da “Paulicéia Desvairada”.

A participação de pessoas homossexuais em uma greve de metalúrgicos na região do ABC Paulista representa um ato político por parte da comunidade homossexual, que desponta dentro de um movimento de operários, demonstrando apoio a estes, mas também se posicionando contra a discriminação que as pessoas homossexuais sofriam (e sofrem até hoje) em seus locais de trabalho. Além disso, as duas faixas levavam dizeres simples, tal como é apontado também por James Green (2015) em seu trabalho.

A primeira refletia o espírito do momento contra as arbitrariedades do regime militar e a favor das liberdades democráticas. A segunda foi mais audaz na sua postura politicamente correta de inclusão do gênero feminino na linguagem escrita na faixa, bem como na inclusão de uma reivindicação até então nunca levantada em praça pública. Não se tratava de demandas pela união civil ou pelo casamento de pessoas do mesmo sexo (...) eram reivindicações que levavam a sério a orientação do jornal *Lampião* sobre sair do gueto (GREEN, 2015, p. 182).

Eles escrevem que em uma conversa entre o grupo, surgiu o assunto do jornal Lampião e que acabou resultando em uma reunião especial apenas para discutir o periódico. A visão que eles têm é a de que:

A nosso ver, o LAMPIÃO pode ser considerado (sem querer jogar confetis...) o único órgão da imprensa tropical realmente interessado no problema da sexualidade. Como leitores ligados ao jornal por opção, nos servimos parte dele, criticando, comentando ou escrevendo a respeito (LAMPIÃO DA ESQUINA, julho-agosto de 1978, 03, p.14).

O que quero destacar com o trecho acima é o fato de que com o surgimento do Lampião da Esquina os homossexuais passam a se encontrar para discutir ideias que são apresentadas pelo jornal, propiciando assim um encontro entre eles e geraram discussões pertinentes para a participação dos homossexuais em diversas áreas da sociedade, inserindo-os de forma ativa nas discussões do periódico.

No parágrafo seguinte da carta enviada pelo grupo ao jornal, eles destacam que os tópicos enviados (na carta) não expressam a posição de todos, mas sim dos membros de forma individualizada,

O produto da nossa discussão não expressa uma posição unitária do grupo, mas posições dos seus participantes. Ao contrário do que possa transparecer pela divisão em tópicos, a discussão não seguiu nenhum roteiro: em meio ao nosso entusiasmo, quase todos os pontos foram abordados ao mesmo tempo (LAMPIÃO DA ESQUINA, julho-agosto de 1978, 03, p.14).

Aqui destacamos que mesmo eles sendo um coletivo (ainda que de forma bem informal) e de que estão discutindo um mesmo tema em comum, os tópicos/comentários enviados não são posições/ideias que foram tomadas em conjunto, mas são colocadas como sendo ideias/posições apresentadas de forma individual por cada membro, não assumindo um caráter coletivo, com ideias e comentários que todos estão de acordo. O grupo que enviou a carta para o Lampião da Esquina não possuía nenhum tipo específico de vínculo com o periódico, entende-se que era apenas a realização informal de um encontro entre alguns homossexuais que se reuniam para conversar e acabavam por abordar algumas das matérias e reportagens do Lampião da Esquina.

Assim como o Lampião da Esquina é criado em 1978 marcando um processo importante para a futura constituição de um coletivo de homossexuais que lutasse pelos direitos da população homossexual do período frente a repressão institucionalizada do Estado, surge o grupo “Somos” na cidade de São Paulo. Percebemos que o movimento se apresentou com a proposta inicial de “politizar a questão” da homossexualidade, de modo parecido como já buscava fazer o jornal Lampião da Esquina em suas primeiras edições. Muito além de politizar as questões ligadas diretamente ao

público homossexual, o *Lampião da Esquina* procurava também quebrar os padrões heteronormativos presentes na sociedade.

Embora a tentativa de dar vida a um movimento homossexual seja existente desde a década de 50, esta abertura se dava por meio de diferentes formas de sociabilidade constituídas com diversões e paródias em eventos de misses, shows de travestis e desfiles, porém sem haver o caráter profundamente político, tal como se buscou construir no momento de reabertura política enfrentado pelos fundadores do grupo *Somos* e pelos editores do *Lampião da Esquina*.

Num primeiro momento, o *Somos* era composto exclusivamente por homens, passando posteriormente a ser frequentado por mulheres, que se organizavam em grupo separado — o Grupo de Ação Lésbica-Feminista (GALF). (...) o ideário do grupo carregava muito da contracultura e do espírito contestatório e antiautoritário da época, produzindo um discurso voltado para uma transformação mais ampla, compreendendo a homossexualidade como estratégica para a transformação cultural, capaz de corroer uma estrutura social a partir das margens. Convivia com essa preocupação, por outro lado, uma estratégia de valorização cotidiana de termos socialmente vistos como negativos, utilizando as categorias "bicha" e "lésbica" de forma positiva” (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 61).

A primeira aparição do grupo *Somos* dentro do *Lampião da Esquina* aconteceu na décima segunda edição, em maio de 1979, exatamente um ano e um mês após ter sido lançada a edição experimental. Aparecendo na seção “*Esquina*” há a primeira publicação fazendo referência mais clara aos objetivos do *Somos*. Ao iniciar o texto da matéria, nos deparamos com a realidade que os homossexuais do período enfrentavam, em especial a opressão sofrida.

Um gigantesco e milenarmente bem montado sistema de opressão sexista vem movendo uma guerra incessante contra aqueles que não saímos programados por suas pautas de condicionamento sócio familiar. Esse bombardeio sistemático mostra-se eficiente porque muitas vezes descompõe a estrutura pessoal daqueles que saímos das regras. Tentam nos condenar a viver à margem ou então acabamos compulsoriamente reintegrados àquilo que entendem por “normalidade” — por meio de violências culturais, psiquiátricas e físicas (*LAMPIÃO DA ESQUINA*, maio de 1979, 12, p.02).

O grupo se apresenta como uma proposta clara de que já não aguenta a “opressão sexista” existente na sociedade, percebemos ainda o tom de oposição aos que se empenhavam em marginalizar a comunidade homossexual os mantendo no “gueto”, e ainda as violências enfrentadas por eles para que pudessem ser aceitos na sociedade de forma integrada.

A matéria sobre o *Somos* nos informa que dois anos antes da criação do *Lampião da Esquina* e do *Somos*, em 1976 surge uma tentativa de organização, mas que teria acabado pouquíssimos meses depois devido a dificuldades dos próprios membros em se afirmarem como homossexuais e de abandonarem a culpa imposta pela sociedade pelo fato de serem quem eles eram.

O surgimento do *Somos* é definido, na matéria, pelos integrantes da seguinte forma:

SOMOS surgiu em São Paulo em maio de 78, a partir de uma ideia comum a várias pessoas, para possibilitar o encontro de homossexuais, fora dos costumeiros ambientes de badalação e pegação (boates, bares, saunas, cinema e calçadas); procurava-se com isso um conhecimento mútuo que fosse menos aleatório e a discussão de nossa sexualidade, de maneira franca e digna. Desde a primeira reunião sentimos que isso era inédito, urgente e fascinante, ao mesmo tempo. Nesse período, procuramos alcançar uma identidade enquanto grupo social e recuperar a consciência individual, a partir da homossexualidade comum a todos. (LAMPIÃO DA ESQUINA, maio de 1979, 12, p.02).

As dificuldades encontradas pelo Somos no primeiro ano de existência, ao decorrer de 1978, também podem ser lidas na primeira matéria. Os diversos desafios encontrados pelo caminho, em especial pelo fato de os fundadores neste primeiro momento estarem buscando construir os objetivos de atuação do Somos e sobretudo em manter viva a criação do grupo, que naquele período existia de forma “clandestina e perturbada”.

A construção de sociabilidade pelos integrantes que se interessavam em participar dos encontros acontecia partindo das especificidades que foram verificadas nos desabaços e testemunhos de cada um, além de ser verificado pelos fundadores que cada membro possuía suas especificidades e formas de encarar a vivência da homossexualidade no cotidiano.

Esta fase foi fértil e proveitosa, pois além de proporcionar uma válvula para muitos desabaços pessoais e inúmeros testemunhos de situações de discriminação e repressão, enriqueceu nossa mentalidade coletiva, mostrando que várias ideias que tínhamos a priori não eram verdadeiras –como por exemplo a noção de que, pelo fato de sermos todos homossexuais teríamos pontos de vista semelhantes. Na verdade, a maneira como cada qual encarava sua sexualidade era bastante distinta. Nós não éramos um padrão. Éramos inúmeros, inumeramente diferentes (LAMPIÃO DA ESQUINA, maio de 1979, 12, p. 02).

A criação e manutenção do Somos exigiram superação dos medos sociais e individuais enfrentados pelos membros, como a repressão da sociedade e os medos internos ligados às suas próprias especificidades e formas de vivenciar a homossexualidade. A partir das experiências privadas, surge o desejo e a necessidade de fazer política e buscar objetivos coletivos. O Somos se diferenciou dos grupos estudantis e dos revolucionários, evitando ser dilacerado pelo poder.

Mas devíamos começar do nada, contra a corrente. Enfrentamos fantasmas de todos os tipos e cores, fora de nós e dentro de nossa cabeça já feitas. Discutíamos acirradamente, por exemplo, o que seria para nós fazer política. Queríamos, sem dúvida, propor uma maneira especificamente nossa de fazer política, rompendo possivelmente com as propostas autoritárias e Patriarcais da esquerda tradicional. Muitos achavam que tínhamos contribuições específicas a apresentar, enquanto homos. Era fundamental desfazer o muro entre política e vida pessoal: nossas trepadas (nosso prazer) eram atos políticos e nossa atuação política e no sentido de mudança social direta devia estar cheia da ternura que tínhamos aprendido fora e debaixo dos lençóis. Pretendíamos, portanto, ser um grupo que transasse muito o afeto, não significando com isso a inaceitação das diversidades; apenas queríamos

que nosso "discutir" política já fosse uma "ação" de revisão dos métodos políticos geralmente machistas e autoritários; abominávamos, por ex., a política estudantil que conhecíamos, onde os vários grupos se dilaceravam através do poder, manipulando as massas estudantis com slogans e demagogia – em geral falávamos a partir de experiências pessoais. Como forma de contestar o autoritarismo dos chamados "revolucionários", nossa práxis política queria misturar-se com o prazer e a ternura (LAMPÍÃO DA ESQUINA, maio de 1979, 12, p.02).

De acordo com Coelho (2014), os “movimentos (de minorias) chamaram para si a tarefa de politizar questões ligadas ao cotidiano, ao subjetivo, ao privado, às relações pessoais, tendo sido um dos principais responsáveis pela tentativa de reinventar a política nos anos 1970” (COELHO, 2014, p. 48). Em sua décima sexta edição, em setembro de 1979, o Lampião da Esquina estampa sua capa com a frase “Homossexuais se organizam”. Nesta edição há uma reportagem, em forma de debate, com os representantes do grupo Somos, os editores do Lampião avisam que tal debate se deu de “forma prolongada e com a discussão de muita teoria e a ausência do individual, do depoimento dos seres humanos envolvidos nesta nova maneira de fazer política” (LAMPÍÃO DA ESQUINA, setembro de 1979, 16, p. 07).

Percebemos no Lampião da Esquina neste momento inicial do Somos, que no ano de 1979 já se encontrava com um ano de fundação, tem um papel muito importante para os leitores que procuram se informar acerca do surgimento do Somos. O jornal exerce aqui um caráter claramente explicativo, permitindo que os leitores compreendam o que eram os grupos de afirmação da homossexualidade. Muito além do que apenas ter um papel de entretenimento no meio homossexual, o Lampião da Esquina se compromete em atender a demanda e a necessidade de se fazer política nesse período, tendo um caráter claramente esclarecedor para os leitores, além de exercer o papel fundamental de despertar o interesse do leitor para que se inserisse dentro da luta da primeira “onda³” do movimento homossexual.

Uma questão importante feita aos representantes do Somos na entrevista para o Lampião da Esquina (os nomes que aparecem na entrevista e que representam o jornal neste momento da entrevista são os de Rogério, Hamilton, Eduardo, Ricardo III, Zé Luís, Jorge, Daniel, Teka, Cris, Paulo, Marcos, Mauro e Vicente) era a seguinte: “O que você acha que leva os homossexuais a participarem de um grupo como o Somos? Quer dizer, por que eles entram e deixam de entrar? ”. A pergunta foi respondida por três dos representantes, afirmando que entrar no Somos é uma “questão de sobrevivência” (LAMPÍÃO DA ESQUINA, setembro de 1979, 16, p.07). Essa resposta vai

³ Autores como Green (2015), Simões e Facchini (2009) dividem o movimento homossexual brasileiro em duas ondas. A primeira ocorreu entre o final da década de 1970 e 1985, marcada pela busca de unificação dos homossexuais, porém reduzida pela epidemia de Aids/HIV na década de 1980. A segunda onda concentra-se em ações pragmáticas e na garantia de direitos civis, com foco na organização institucional.

diretamente ao encontro das condições enfrentadas pelos homossexuais no contexto da ditadura civil-militar, fortemente marcada pela repressão e pela “necessidade de mudar uma situação existente” (LAMPIÃO DA ESQUINA, setembro de 1979, 16, p. 07). Outro motivo apresentado pelos representantes do grupo é:

A partir do momento em que o homossexual se conscientiza ou sente realmente a necessidade, como disse o Rogério (representante anterior) de sobrevivência, ele procura um grupo como o Somos, porque sabe que vai encontrar oportunidade de trocar experiências, ideias, e ao mesmo tempo se fortificar, desde os esquemas mais simples aos mais complexos, para enfrentar essa batalha que, queiramos ou não, está aí: a batalha sexista (LAMPIÃO DA ESQUINA, setembro de 1979, 16, p.07).

Percebemos que os representantes do Somos esperam que os homossexuais se conscientizem de suas condições dentro da sociedade homofóbica brasileira daquele período, e de que existe a necessidade de uma tomada de consciência por cada homossexual. Buscar fazer parte do Somos, como podemos perceber no trecho acima, faz parte de encontrar uma rede de apoio também, que ao mesmo tempo em que trocam experiências entre si, procuram criar uma resistência para encarar as dificuldades sociais do dia a dia, como por exemplo o sexismo como é colocado por eles.

Além disso, os representantes dizem que há uma mudança na geração se comparado com a geração que veio do pós-guerra.

Isto é, as pessoas mais jovens não estão mais fazendo o jogo do sistema, dos sistemas não só capitalistas, mas autoritários de qualquer ideologia. Quer dizer, sabem que a vida não é apenas uma acumulação de bens. As pessoas jovens já começaram a descobrir que o importante na vida é ser feliz. E muitos homossexuais sabem que a felicidade deles está no reconhecimento de sua homossexualidade e do seu espaço político dentro do mundo *cio* que vivem. Então, eles começam a se dispor a lutar por sua felicidade. Acho que essa deve ser uma das razões que tornou possível em nossa geração e no Brasil a criação de um grupo como o Somos (LAMPIÃO DA ESQUINA, setembro de 1979, 16, p. 07).

Outras duas questões podem ser destacadas, a primeira delas seria de que forma os homossexuais se inteiravam da existência do Somos que, de acordo com os entrevistados, era de “todas as formas. Boca a boca, cartas pelo Lampião, face a face, caça na rua, distribuição de jornal...” E além disso partindo das “ações de base nos lugares onde a gente trabalha e vive” (LAMPIÃO DA ESQUINA, setembro de 1979, 16, p.07). A segunda questão, já no final da entrevista, diz respeito às posições do grupo perante o contexto da época, que era o da ditadura civil-militar brasileira marcada por forte repressão militar e censura aos meios de comunicação e, se já havia sido tomada alguma medida ou se existia algum tipo de sugestão. Percebemos nas respostas dos entrevistados que haviam algumas divergências no que diz respeito a estas questões, demonstrando que ainda não havia ficado claro quais seriam as propostas tomadas para esses temas.

De acordo com alguns deles, fazer parte do Somos já era “uma saída política para os homossexuais” sendo, portanto, considerado como um “trabalho político”. Os que discordaram de tais respostas, argumentaram que isso “não era uma posição do grupo” e ainda não se havia chegado à conclusões. Percebemos que neste momento do Somos, com cerca de um ano de existência, ainda não havia entrado em consenso qual seria a posição política adotada por eles perante a ditadura militar (LAMPIÃO DA ESQUINA, setembro de 1979, 16, p. 09).

A respeito das relações que a esquerda da época mantinha com os coletivos de minorias que existiam naquele período, Coelho (2014) escreve suas considerações partindo de um outro estudo, e que apresenta os grupos de homossexual, feministas e negros como sendo parte de uma “esquerda fragmentada” ou “esquerda alternativa”, por buscarem se atentar na “transformação de costumes, lutando contra a homofobia, machismo e racismo”, e por conta disso teriam sido deixados de lado pela “esquerda tradicional” que mantinha sua prioridade na luta de classes (COELHO, 2014, p. 48).

É importante também apontarmos que as mulheres lésbicas do período também tiveram determinada participação na emergência do movimento homossexual que surgia nessa época, porém suas participações em matérias do jornal aconteciam com menos frequência que as dos homossexuais masculinos. No entanto, isso não significa que elas não tenham atuado nos grupos de tentativas de politização dos sujeitos homossexuais, em algumas reuniões as mulheres compareciam, mas geralmente acabavam não retornando mais que uma ou duas vezes às reuniões, tanto pelos fatos já apresentados acima, como a falta de objetivos no momento de sua fundação.

Informações sobre espaços de convivência e sociabilidade de mulheres homossexuais são bem mais escassas. Pode-se supor que as luzes da cidade e suas penumbras marginais, que tanto atraem os homens, representem, em contraste, uma ameaça às mulheres. Alguns poucos bares, boates e restaurantes em Copacabana, no Rio de Janeiro, pontos de encontro de intelectuais, artistas e boêmios, passaram a ser ocupados no final dos anos 1950 também por mulheres, num ambiente em que, segundo depoimentos obtidos pela historiadora Nadia Nogueira, “tudo era muito velado” e “praticado com extrema discrição” (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 67-68).

Mesmo não integrando o Somos, as mulheres lésbicas também procuraram criar seus meios de sociabilidade assim como ocorreu dentro do Somos, elas realizavam “encontros em residências particulares, que se transformavam ocasionalmente em ‘bares’ ou ‘clubes’” (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 69).

De acordo com Green e Quinalha (2015), assim que o movimento homossexual emergiu no final da década de 1970 houve logo um interesse das forças de censura do Estado pelo fato de acreditarem que a emergência dos movimentos sociais naquele período estava diretamente relacionada com o “Movimento Comunista Internacional”.

Em 1978, por exemplo, um agente da CEI escreveu: “é notado um esquema de apoio à atividade dos homossexuais. Este apoio é baseado, em sua quase totalidade, em órgãos de imprensa sabidamente controlados por esquerdistas. Aliando-se à este fato a intenção dos homossexuais de se organizarem em movimentos e de ‘ocupar um lugar certo – inclusive politicamente –’ pode-se estimar alto interesse comunista no proselitismo em favor do tema” (GREEN; QUINALHA, 2015, p.306).

Os locais de sociabilidade de homossexuais, tanto de lésbicas e de gays eram constantemente alvos das forças repressoras do “Estado” e que em suas abordagens utilizavam de muita violência, intimidações e perseguições.

A primeira metade da década corresponde aos nossos Anos de Chumbo, o período mais violento de perseguições, torturas e assassinatos cometidos pelos órgãos da repressão política. Um braço dessa repressão fazia sentir seu peso sobre os costumes, nutrindo as atividades paralelas de intimidação, venda de proteção e extermínio sumário, atuantes em todas as cidades, então conhecidas como "esquadrões da morte". Os territórios ampliados de sociabilidade homossexual eram alvo regular de incursões policiais e parapoliciais desse tipo, a pretexto de combate à vadiagem e ao tráfico de drogas (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 74).

O Lampião da Esquina, em suas trinta e oito edições, denunciou constantemente os ataques sofridos pela comunidade homossexual nesse período, como, por exemplo, a censura imposta às obras da escritora Cassandra Rios, “uma escritora cuja ficção sobre a lesbianidade nada agradou os cães de guarda da ‘moral e bons costumes’” inclusive o próprio Lampião da Esquina sofreu com a censura militar do período. Em sua quinta edição em outubro de 1978 os editores lançam um “Sinal de alerta” na última página da edição.

Vale a pena perguntar o que seria esta chamada "apologia do homossexualismo"; falar sobre o tema com dignidade, pondo em questão determinados preconceitos e discriminações existentes? Em que lei está baseada a suposição de que o homossexualismo, por si mesmo, é um atentado à moral? Optar por esta ou aquela forma de prática sexual deve ser tão legítimo quanto adotar esta ou aquela marca de arroz. A livre escolha sexual consta da Declaração Universal dos Direitos do Homem; desconhecê-la em relação aos homossexuais é retirar destes a própria condição de seres humano; e é bom lembrar que há uma diferença fundamental entre bicha e bicho - e estes também têm os seus direitos. (E não estamos pondo fora da discussão as mulheres homossexuais) (LAMPPIÃO DA ESQUINA, outubro de 1978, 05, p. 16).

A participação em atividades de ativismo pelos membros dos grupos geralmente era muito baixa. Alguns membros da equipe editorial do Lampião da Esquina haviam participado de atividades em movimentos sociais no exterior, como é o caso de João Silvério Trevisan que desde o seu período na universidade havia tido alguns contatos com estudantes politizados nos anos 1960. Outros membros do conselho editorial, também faziam parte dos grupos de organização e politização dos homossexuais no final da década de 1970 e alguns deles, além do João Silvério Trevisan, também haviam tido certa experiência na articulação ou participação em movimentos sociais ou outras atividades ligadas ao ativismo.

Acerca do histórico de envolvimento em lutas pelo ativismo, é possível afirmar que:

Alguns dos editores do *Lampião* tinham também um histórico diversificado de engajamento político. Em Pernambuco, antes do golpe militar de 1964, Aginaldo Silva fora próximo de ativistas do Partido Comunista Brasileiro (PCB), embora não mantivesse vínculo formal com a organização. Em 1969, permaneceu numa cela incomunicável por 45 dias no presídio da Ilha das Flores, no Rio de Janeiro, por ter escrito um prefácio a uma edição dos Diários de Che Guevara (...). João Silvério Trevisan, nos anos 1960, militara nas organizações estudantis da esquerda católica e no grupo Ação Popular (AP) (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 84-85).

Outros como João Silvério Trevisan e João Antonio Mascarenhas já haviam tido algum tipo de contato com os movimentos políticos de homossexuais de outros países onde a movimentação já havia começado há algum tempo, como, por exemplo, nos Estados Unidos.

Nos anos 1970, Trevisan e João Antonio Mascarenhas travaram contato mais intenso com os movimentos políticos homossexuais fora do país. Trevisan morou um ano nos Estados Unidos, em 1975, onde conheceu ativistas do Gay Liberation Front e também vários estudantes de esquerda, inclusive um jovem formado em ciências políticas, James Green, militante de uma organização trotskista, que, estimulado por Trevisan, viria em seguida ao Brasil tornar-se participante ativo do Somos e colaborador do *Lampião*. Mascarenhas teve acesso às informações sobre o movimento homossexual internacional por meio da emergente imprensa gay britânica e norte-americana (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 85).

O ano de 1980 para os grupos homossexuais que se organizavam e surgiam foi de grande importância. Já em janeiro de 1980 o *Lampião da Esquina* publica uma reportagem na seção “Ativismo”⁴, que até aquele momento ainda não existia no jornal, passando a ter somente a partir do ano de 1980. Nesta primeira reportagem da “Ativismo”, foram dedicadas quatro páginas e que possuem vários títulos para divisão das matérias.

A primeira reportagem desta seção tem por título “No Rio, o encontro nacional do povo guei”. Dentro da matéria encontramos as informações de que teria acontecido uma reunião no dia dezesseis de dezembro de 1979, em um domingo. A ideia de realizar a reunião surgiu das reuniões do conselho do jornal *Lampião da Esquina*.

Os lampiônicos e os membros do Grupo Somos/RJ presentes a essa reunião decidiram que tinha chegado a hora de se fazer uma tentativa de organizar e expor o conjunto de pontos de vista e de ideias que começa a tomar corpo como resultado do nascimento de grupos de ativistas homossexuais por todo o Brasil. E quisemos fazer isso antes que se encerrasse a década de 70, isto é, como uma homenagem aos anos, que marcaram o início da luta das minorias oprimidas e, especificamente, da política do corpo (LAMPIÃO DA ESQUINA, janeiro de 1980, 20, p. 07).

⁴ Foi a partir da edição número vinte do jornal *Lampião da Esquina* que surgiu a seção intitulada de “Ativismo”. Se encontrava geralmente nas primeiras páginas do jornal e trazia assuntos que estavam diretamente relacionados com a criação e organização da militância homossexual.

Há um fato importante na reunião que seria a confirmação do movimento homossexual em se apresentar, tanto na sua constituição quanto na sua forma de militância, como um grupo revolucionário que se afirmava como novo e apresentando suas características que o diferenciava dos demais coletivos de militância revolucionários que existiam na época, mas que também eram dotados de suas especificidades.

Desta vez, pela primeira vez, um movimento revolucionário não está adotando os maneirismos reacionários para poder sobreviver. Ele fala sua própria linguagem, continua vivendo dentro de seus costumes e, à medida que lhe é aberto um espaço ocupa-o com sua presença, sem se mascarar do que não é e sem negar a essência de sua natureza. Isso está acontecendo com os movimentos dos negros, das mulheres e agora dos homossexuais. (...) esse movimento é revolucionário (e não simplesmente reformista), quer mudar o esquema do poder, tem uma visão que difere totalmente tanto da direita como da esquerda, sendo, portanto, indigesto por qualquer lado que queiram consumi-lo. Para aceitá-lo, os regimes modernos, de direita ou de esquerda, terão de modificar-se na essência, acabando com tudo o que há dentro deles de reacionário e perverso. E para destruí-lo, se chegarem a esse extremo, estarão praticando genocídio, pois pela primeira vez na história têm pela frente uma revolução desarmada (LAMPÍÃO DA ESQUINA, janeiro de 1980, 20, p. 07).

Vemos que o grupo homossexual se assegurava como um movimento revolucionário, mas procurava se distanciar tanto dos movimentos de esquerda quanto dos de direita. A essência do movimento homossexual em ser revolucionário vem da principal pauta de luta, que é o de lutar contra o sistema machista presente na sociedade, se afastavam tanto da esquerda quanto da direita porque se propõe a fazer isso, combater o machismo e a homofobia que afetam ambos os sistemas econômicos e políticos e interferem no modo de viver da comunidade homossexual naquele momento.

O preconceito contra os homossexuais pode ser identificado dentro da sociedade brasileira da época ditatorial de forma ainda mais intensa por ser este um momento em que o conservadorismo está em exaltação, e o sujeito homossexual é visto dentro da sociedade patriarcal como sujeito desviante do padrão heteronormativo. Nessa sociedade, prevalece a concepção de que há apenas dois padrões, o masculino e o feminino, que são socialmente validados. Esse entendimento limitado resulta na negação da diversidade de identidades de gênero, ignorando a presença de indivíduos homossexuais, transexuais e travestis na comunidade.

Não há a possibilidade de escolha de um gênero que perpassasse a moral binária existente e que se quer impor na sociedade pensada pelo regime militar. Para Butler (2003), “se a existência é sempre marcada pelo gênero, então desviar-se do gênero estabelecido é em algum sentido colocar a própria existência de alguém em questão” (p. 42), e nesse sentido é colocada em pauta a marginalização do homossexual, não que o regime repressor da ditadura militar desconsidere que o homossexual exista, mas o reconhece dentro da sociedade e busca controlar e o associar a formas pejorativas dentro da sociedade.

Esse primeiro congresso, citado acima, que em sua segunda reunião em fevereiro de 1980 teve sua nomenclatura mudada para encontro, possibilitou a organização do Primeiro Encontro Brasileiro de Homossexuais que aconteceu em abril daquele ano na cidade de São Paulo. Os grupos que se dedicaram à realização desse primeiro evento foram o Somos, o Eros e o Libertos, todos paulistas. A reunião aconteceu no Teatro do Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina da USP. Os grupos que estavam presentes eram: SOMOS (SP), Ação Lésbico-Feminista (SP), EROS (SP), LIBERTOS (Guarulhos), AUÊ (RJ), SOMOS (RJ), SOMOS (Sorocaba) e BEIJO LIVRE (Brasília). Havia também representantes das cidades de Belo Horizonte, Vitória, Goiânia e Curitiba. Cerca de 200 pessoas participaram.

Recheado de discussões longas e acirradas, o encontro evidenciou que entre os integrantes dos diversos grupos representados havia vários simpatizantes de partidos políticos de esquerda, legais, como o recém-criado Partido dos Trabalhadores (PT), ou clandestinos em via de legalização, como o PCB e o Partido Comunista do Brasil (PC do B), além da Convergência Socialista, que naquele momento aderira ao PT. As decisões tomadas no final, por consenso, reiteraram as resoluções indicativas pela alteração do Código de Doenças referente a "transtornos sexuais" e pela introdução da proteção de direitos relacionados à "opção sexual" na Constituição brasileira. Além disso, decidiu-se promover a legalização jurídica dos grupos, a dinamização dos contatos intergrupais por meio de jornais e boletins, a promoção de debates sobre a homossexualidade durante o congresso anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), a denúncia da discriminação contra homossexuais exercida por empregadores e o acompanhamento de investigações sobre arbitrariedades policiais cometidas contra homossexuais (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 106-107).

Logo após o Primeiro Encontro de Homossexuais Brasileiros que havia sido realizado no mês de abril, houve um racha no SOMOS/SP. A edição número vinte e cinco do jornal Lampião da Esquina, traz na seção "Ativismo" uma matéria que contém documentos explicando os motivos que levaram ao racha do SOMOS/SP. O racha teria acontecido pois as lésbicas que participavam do Somos acreditavam em outras questões e ideias que beneficiassem e ajudassem a construir uma luta maior também para elas. O documento 1 (um) que justifica o racha traz exatamente essa noção:

1) a participação de lésbicas em grupos mistos tem impedido o desenvolvimento de uma consciência feminista, essencial, a nosso ver, para o próprio M.H. Dada a especificidade da discriminação que sofremos, enquanto mulheres e homossexuais, consideramos o processo de afirmação somente possível em reuniões separadas das dos homens. As mulheres não podem descobrir o que têm em comum a não ser em grupos só de mulheres. (LAMPIÃO DA ESQUINA, junho de 1980, 25, p. 08).

Além disso, houve também uma outra cisão dentro do Somos que também aparece na edição vinte e cinco.

A outra cisão deu-se em torno da proposta de participação do Somos na manifestação de apoio aos trabalhadores em greve do ABC paulista, por ocasião do 1º de maio de 1980. Incapaz de chegar a um consenso, o grupo se dividira: uma parte compareceu ao estádio da Vila Euclides, em São Bernardo do Campo, enquanto outra parte

promoveu um piquenique no parque do Ibirapuera. Na reunião geral de 1980, a divergência se tornou separação formal. Sob a alegação de que o Somos estava com sua autonomia comprometida em virtude da atuação de membros ligados a organizações político-partidárias, nove membros anunciaram seu desligamento e a formação de um novo Grupo de Ação Homossexualista, posteriormente rebatizado de Outra Coisa. (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 107-108).

Após um ano e um mês do racha no Somos de SP, o jornal *Lampião da Esquina* também chegou a sua última edição, que circulou pelo território nacional em julho de 1981. Com um total de trinta e oito edições mensais e mais três edições extras, o grupo de *Lampiônicos* chegou ao seu fim.

CONCLUSÃO

Não podemos afirmar que o *Lampião da Esquina* sozinho impulsionou a formação de um movimento unificado de homossexuais em todo o país, mas podemos dizer que o *Lampião da Esquina* proporcionou debates e deu voz aos homossexuais. O jornal explorou a temática da homossexualidade e do surgimento do movimento homossexual naquele período. É importante notar que cada indivíduo homossexual tinha suas particularidades e abordava sua homossexualidade de maneiras diferentes, resultando em divergências tanto entre os grupos quanto dentro deles.

Durante um período de três anos e três meses de circulação, o jornal *Lampião da Esquina* representou para a comunidade LGBTQ+ do período um dos principais meios informativos que contribuiu no processo de organização política das pessoas homossexuais na época. É importante lembrarmos que o *Lampião da Esquina* não circulou sozinho pelo país, junto com jornais de circulação regional ou estadual o *Lampião da Esquina* atuou de forma muito ativa na tomada de posições políticas, que diziam respeito em especial à comunidade homossexual, no sentido de retirá-la das margens da sociedade.

A circulação mensal do *Lampião da Esquina* permitiu, além da possibilidade dos homossexuais se articularem em grupos organizados a proliferação de um discurso que possibilitasse a identificação dos sujeitos homossexuais, e que permitisse a execução de ações em prol desses sujeitos.

O encerramento do *Lampião da Esquina* marcou o fim de um ciclo que também coincidiu com o declínio da imprensa alternativa. Os temas abordados pelo jornal foram posteriormente absorvidos pela grande imprensa. O jornal desempenhou um papel importante na mobilização da comunidade homossexual e no debate sobre questões relacionadas à politização da sexualidade e ao reconhecimento das minorias. No entanto, ao encerrar suas atividades, o jornal enfrentou dificuldades em se reposicionar, perdendo seu caráter contestatório sem conseguir se adaptar como uma publicação comercial.

Nos anos seguintes ao fim do *Lampião da Esquina*, pode ser verificado uma diminuição nos grupos de organização homossexual, o que pode ser entendido como uma reorganização nas formas de encontros, de militância e da influência do contexto do início da década de 1980, com a chegada da epidemia de Aids/HIV supracitada. É importante destacar que o fim do *Lampião* não significa o fim das organizações homossexuais pelo Brasil, é interessante perceber que o Grupo Gay da Bahia foi fundado em 1985, quatro anos após o fim do periódico, e tem sua agenda de atuação ativa até os dias atuais, além disso, até a década de 1990 alguns outros grupos também foram fundados no Brasil e que tinham como agenda lutar pelas pautas históricas do então movimento homossexual, mas também para combater o HIV/Aids e os seus estigmas.

É de extrema importância que possamos perceber que o movimento LGBTQ+ não chegou ao fim após o racha no *Somos* e com o fim do *Lampião da Esquina*. Muito pelo contrário, o que podemos perceber é que toda a movimentação realizada para a organização dos homossexuais no final da década de 1970 e início da década de 1980 deram as bases necessárias para a continuação da organização de um movimento homossexual, que iniciou sua segunda onda após 1981. Como apontado no trecho acima, haviam menos grupos organizados, porém as sementes para a continuidade do movimento estavam plantadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade, tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

COELHO, Vinicius. **Lampião da Esquina**: Porta voz dos homossexuais (1978-1981). Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

GREEN, James; O grupo *Somos*, a esquerda e a resistência à ditadura. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan. **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 83-123.

JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA. n. 0-37, 1978 a 1981. Rio de Janeiro, Esquina Editora. Fontes baixadas, disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina>. Consultado em 05/02/2018.

MENDONÇA, Sonia R; FONTES, Virginia M. **História do Brasil Recente 1964-1992**. São Paulo, Editora Ática, 1996.

SADER, Éder. **Quando novos personagens entraram em cena**: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

SILVA, Andrey Tironi da. Organização e resistência do movimento homossexual durante a ditadura militar (1978-1981). *In*: Anais do III Colóquio Nacional de Estudos de Gênero e História: Epistemologias, Interdições e Justiça Social, III., 2018, Marechal Cândido Rondon - PR. **Anais [...]**. Marechal Cândido Rondon: LAPEG, UNIOESTE, 2018. p. 67-77, ISSN: 2357-9544. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1P73P6jTi3_8CB7dbDGhQmwybtqp2jl8/view. Acesso em: 25 jun. 2023.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris**: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2009, p. 196.